

JENNY NORDBERG

# As meninas ocultas de Cabul

*Em busca de uma resistência secreta  
no Afeganistão*

*Tradução*  
Denise Bottmann

Copyright © 2016 by Jenny Nordberg

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

The Underground Girls of Kabul: In Search of a Hidden Resistance in Afghanistan

*Capa*

Claudia Espínola de Carvalho

*Foto da capa*

© Adam Ferguson

*Mapa pp. 292-3*

Joe LeMonnier

*Preparação*

Oswaldo Tagliavini Filho

*Índice remissivo*

Luciano Marchiori

*Revisão*

Huendel Viana

Thaís Totino Richter

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Nordberg, Jenny

As meninas ocultas de Cabul : em busca de uma resistência secreta no Afeganistão / Jenny Nordberg ; tradução Denise Bottmann. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

Título original: The Underground Girls of Kabul : In Search of a Hidden Resistance in Afghanistan.

ISBN 978-85-359-2696-5

1. Identidade de gênero - Afeganistão 2. Meninas - Afeganistão - Condições sociais 3. Mulheres - Afeganistão - Condições sociais 4. Papel sexual - Afeganistão I. Título.

16-00844

CDD-305.309581

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Afeganistão : Feminismo : Relações de gênero :  
Sociologia : História

305.309581

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

# Sumário

Prólogo .....	15
I. MENINOS	
1. A mãe rebelde .....	21
2. A estrangeira .....	32
3. A escolhida .....	44
4. A fazedora de filhos .....	58
5. A política .....	71
6. As meninas ocultas .....	87
7. A desobediente .....	100
II. JUVENTUDE	
8. A moleca .....	125
9. A candidata .....	150
10. A festa pachto .....	166
11. A futura noiva .....	178
12. A irmandade feminina .....	192

III. HOMENS

13. A guarda-costas .....	207
14. A romântica .....	229
15. A motorista .....	243
16. A guerreira .....	254
17. As inconformadas .....	270
18. A deusa.....	282

Mapa — <i>O zoroastrismo no mundo</i> .....	292
---	-----

IV. PAIS

19. A derrotada .....	297
20. A rejeitada .....	318
21. A esposa .....	327
22. O pai .....	343

Epílogo — <i>Um dos garotos</i> .....	373
---------------------------------------	-----

<i>Nota da autora</i> .....	383
-----------------------------	-----

<i>Agradecimentos</i> .....	387
-----------------------------	-----

<i>Notas</i> .....	389
--------------------	-----

<i>Índice remissivo</i> .....	411
-------------------------------	-----

# Mas não uma afegã

*Adoraria ser qualquer coisa neste mundo  
Mas não uma mulher*

*Seria um papagaio  
Seria uma ovelha  
Seria uma corça ou  
Um pardal morando numa árvore*

*Mas não uma afegã.*

*Seria uma senhora turca  
Com um irmão gentil me tomando pela mão  
Seria tajik  
Ou seria iraniana  
Ou seria árabe  
Com um marido me dizendo  
Que sou linda*

*Mas sou uma afegã.*

*Quando é preciso*

*Fico a seu lado*

*Quando há risco*

*Fico à frente*

*Quando há sofrimento*

*Tomo a mim*

*Quando há direitos*

*Fico atrás*

*Poder é direito e*

*Sou uma mulher*

*Sempre sozinha*

*Sempre um exemplo de fraqueza*

*Meus ombros pesam*

*Sob o peso das dores.*

*Quando quero falar*

*Minha língua é censurada*

*Minha voz causa dor*

*Ouvidos dementes não me toleram*

*Minhas mãos são inúteis*

*Não posso fazer nada com*

*Minhas pernas tolas*

*Ando sem*

*Nenhum destino.*

*Até quando devo aceitar o sofrer?*

*Quando a natureza anunciará minha libertação?*

*Onde fica a casa da Justiça?*

*Quem escreveu meu destino?*

*Digam a ele*

*Digam a ele*

*Digam a ele*

*Adoraria ser qualquer coisa na natureza*

*Mas não uma mulher*

*Não uma afegã.*

*Roya*

*Cabul, 2009\**

\* Publicado inicialmente pela ONG americana Afghan Women's Writing Project ([awwproject.org](http://awwproject.org)) em 2010. A AWWP foi criada pela escritora e jornalista americana Masha Hamilton. A organização serve de plataforma para jovens escritoras no Afeganistão, oferecendo-lhes também treinamento.

## I. MENINOS



# 1. A mãe rebelde

AZITA, ALGUNS ANOS ANTES

“Nosso irmão é na verdade uma menina.”

Uma das gêmeas, de ar ansioso, faz um sinal com a cabeça assentindo a essas palavras. Então ela se vira para a irmã. Concorde. Sim, é verdade. Ela pode confirmar.

São duas meninas idênticas, de dez anos de idade, com cabelos pretos, olhos vivazes e algumas pequenas sardas. Um pouco antes, estávamos dançando ao som do meu iPod, no modo *shuffle*, enquanto esperávamos a mãe delas desligar o telefone na outra sala. Passávamos o fone de ouvido de uma para outra, mostrando nossos melhores passos. Eu não conseguia acompanhar o requadrado delas, mas alguns de meus mais inspirados acompanhamentos vocais ganharam entusiástica aprovação. De fato era boa a ressonância dada pelas paredes de cimento gelado do apartamento, no labirinto construído pelos soviéticos que abriga uma parte da pequena classe média de Cabul.

Agora estamos sentadas no sofá de bordados dourados, onde

as gêmeas montaram um serviço de chá, consistindo em canecas de vidro e garrafa térmica de pressão numa bandeja prateada. O *mehman khana* é o aposento mais luxuoso num lar afegão, que mostra a abundância e os bons costumes dos donos. Há fitas cassete com versículos do Alcorão e flores de tecido cor de pêssego numa mesa de canto, com uma rachadura remendada com fita adesiva. As gêmeas, sentadas no sofá sobre as pernas simetricamente dobradas, ficam um pouco ofendidas com minha indiferença àquela grande revelação. A gêmea número dois se inclina para a frente: “É verdade. Ele é nossa irmãzinha”.

Sorriso e concordo de novo com a cabeça. “Certo.” Claro.

Um retrato emoldurado numa mesinha lateral mostra o irmão posando de gravata e um pulôver de decote em V, junto com o pai de bigode abrindo um largo sorriso. É a única foto exposta na sala. As irmãs mais velhas falam um inglês meio trôpego, mas entusiasmado, extraído dos manuais de escola e da televisão por satélite embutida no balcão. Talvez tenhamos aqui uma barreira de linguagem.

“Certo”, digo, querendo ser simpática. “Entendo. *Irmã* de vocês. Mas me conte, Benafsha, qual é sua cor favorita?”

Ela vacila entre vermelho e roxo e depois passa a pergunta para a irmã, que também dedica uma séria reflexão ao tema. As gêmeas, ambas de cardigãs alaranjados e calças verdes, parecem agir em plena sincronia na maioria das coisas. Suas cabeças ficam balançando, cheias de elásticos de cabelo brilhantes, e só quando uma fala é que a chuquinha da outra fica imóvel por alguns segundos. Esses instantes são a chance para um novato conseguir diferenciá-las: o segredo é uma marquinha de nascença na bochecha de Beheshta. Benafsha significa “flor” e Beheshta significa “paraíso”.

Beheshta sugere nosso próximo tema: “Quando crescer, quero ser professora”.

Quando chega a vez de cada uma delas fazer uma pergunta, as duas querem saber a mesma coisa: sou casada?

Elas ficam espantadas com a minha resposta, pois — como ressaltam — sou muito velha. Sou até alguns anos *mais velha* que a mãe delas, que, aos 33 anos de idade, é esposa e mãe de quatro filhos. As gêmeas têm mais uma irmã, além do irmãozinho. Digo que a mãe delas também está no parlamento. Então ela é muitas coisas que eu não sou. Parecem gostar desse quadro.

De repente, o irmão aparece à porta.

Mehran, com seis anos, tem um rostinho redondo bronzeado, covinhas fundas, sobrancelhas que sobem e descem quando faz alguma careta e os dois dentes da frente bem separados. O cabelo é preto como o das irmãs, mas curto e espetado. Com uma camisa justa de brim vermelho e calça azul, de queixo empinado, mãos na cintura, entra com ar confiante e empolado na sala, olhando diretamente para mim e apontando uma arma de brinquedo no meu rosto. Então puxa o gatilho e exclama em saudação: *pow*. Como não caio morta nem devolvo o tiro, ele extrai um super-herói de plástico do bolso traseiro. Seu defensor tem cabelo loiro, dentes brancos refulgentes, dois cinturões de munição de atravessado no peito robusto e uma metralhadora na mão. Mehran diz alguma coisa em dari para o boneco e então ouve atentamente a resposta. Parecem concordar: o ataque foi um sucesso.

Benafsha vem toda animada para meu lado, vendo a chance de provar definitivamente seu argumento. Acena os braços para chamar a atenção do irmão: “Conte pra ela, Mehran. Conte que *você é nossa irmã*”.

Os cantos da boca de Mehran descaem. Mostra a língua numa careta e sai em disparada, quase atropelando a mãe que vem entrando na sala.

Azita usa *kohl* preto nas pálpebras e um pouco de blush no

rosto. Ou talvez seja porque estava com um celular colado ao ouvido. Exclama em minha direção que agora está pronta. Pronta para me responder o que vim perguntar — como é ser uma mulher afegã aqui, depois de quase uma década na guerra americana mais prolongada e num dos maiores esforços de assistência estrangeira de toda uma geração.

Nesse dia, quando nos encontramos pela primeira vez, eu estava fazendo pesquisas para uma reportagem televisiva sobre mulheres afegãs, e fazia quatro anos que Azita era membro do parlamento bastante recente no país. Eleita para a Wolesi Jirga,<sup>1</sup> uma das casas legislativas criadas alguns anos depois da derrota do Talibã em 2001, ela prometera a seus eleitores rurais na província de Badghis que destinaria uma parcela maior da assistência estrangeira para aquela extensa área pobre do Afeganistão.

A câmara para a qual Azita foi eleita era maciçamente ocupada por caudilhos militares e chefes do narcotráfico,<sup>2</sup> e parecia paralisada devido à corrupção profundamente entranhada, mas pelo menos era uma tentativa de implantar a democracia, esperança manifestada por muitos. O país passara por muitas formas malogradas de governo no último século: monarquia absolutista, comunismo e um emirado islâmico sob o Talibã. Ou simplesmente nenhum governo nos tempos de guerra civil.

Quando alguns diplomatas e agentes humanitários estrangeiros em Cabul vieram a saber de Azita — uma parlamentar culta que, além de dari, pachto, urdu e russo, também falava inglês e parecia ser relativamente liberal —, começaram a chover convites para ela participar de eventos no exterior. Foi levada a diversos países europeus e à Universidade Yale, nos Estados Unidos, onde falou da vida sob o Talibã.

Por outro lado, não era raro que Azita convidasse estrangei-

ros para visitá-la em sua casa alugada em Macroyan, a fim de mostrar sua versão de uma vida normal num bairro de Cabul. Ali, a roupa lavada esvoaça em varais nas sacadas de prédios cinzentos de quatro andares, interrompidos por ocasionais trechos de grama, e de manhã cedo as mulheres se reúnem nas padarias escavadas nas paredes, enquanto os homens fazem exercícios bastante puxados de ginástica no campo de futebol. Azita orgulha-se em ser anfitriã e de se mostrar como exceção à usual imagem das mulheres afegãs no exterior — fechadas em suas casas, com pouca ligação com a sociedade, geralmente analfabetas e sob o domínio de maridos tirânicos que não lhes permitem ver a luz do dia. E, definitivamente, sem receber visitas de *farangee*, estrangeiros, como antigamente os afegãos chamavam os invasores históricos. Hoje, os estrangeiros costumam ser chamados de *amrican*, qualquer que seja a nacionalidade deles.

Azita gosta de mostrar a água corrente, a eletricidade, o aparelho de televisão no quarto, tudo pago com o dinheiro que recebe como provedora da casa. Ela sabe que isso impressiona os estrangeiros. Principalmente as estrangeiras. Com as faces brilhantes, os traços nítidos e um porte quase militar, elegante nas roupas pretas que usa da cabeça aos pés, emanando um perfume acentuado de almíscar mesclado com algo adocicado, Azita de fato parece diferente da maioria das mulheres no Afeganistão. Com 1,65 m de altura — talvez um pouco mais, com seus sapatos pontudos de salto alto e tira atrás —, chega a ser mais alta do que algumas visitantes. Estas geralmente vêm com sapatos mais práticos, como se estivessem em uma caminhada.